



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PORTO NACIONAL - TO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DANIELE DIAS DA SILVA

**A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO NO SETOR GUAXUPÉ EM PORTO NACIONAL-
TOCANTINS**

PORTO NACIONAL - TO
2021

DANIELE DIAS DA SILVA

**A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO NO SETOR GUAXUPÉ EM PORTO NACIONAL-
TOCANTINS**

Artigo apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D541f Dias da Silva, Daniele.

Festejo de São Sebastião no setor Guaxupé, em Porto Nacional. / Daniele Dias da Silva. – Porto Nacional, TO, 2021. 16 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins-Campus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2021.

Orientador: Valdir Aquino Zitzke

1. Cultura e geografia cultural. 2. A geografia e as festas religiosas. 3. O Santo em questão: quem foi São Sebastião. 4. A Festa de São Sebastião. I. Título.

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

DANIELE DIAS DA SILVA

A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO NO SETOR GUAXUPÉ EM PORTO NACIONAL-
TOCANTINS

Artigo foi avaliado e apresentado a UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Geografia, para obtenção do título de Licenciada em Geografia, e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 20/05/2021

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Aires Gomes da Silva, Orientadora, UFT.

Prof.^o Dr.^a Mariléia de Oliveira Bispo, Examinadora UFT.

Prof.^a Dr.^o Valdir Aquino Zitzke, Orientador UFT.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A imagem clássica de São Sebastião.....	12
Figura 2 - São Sebastião por Mestre das Cartas (c. de 1430).....	14
Figura 3- A Missa de São Sebastião.....	17
Figura 4 - O padre com rei e rainha, capitão e capitã do mastro.....	18
Figura 5 - A entrada da imagem do santo carregada pelos policiais militares.....	18

Sumário

1	INTRODUÇÃO	9
2	CULTURA E GEOGRAFIA CULTURAL	10
2.1	A Geografia Cultural e as Festas Religiosas.....	11
2.2	O Sagrado Simbólico: Um Campo Investigativo em Terra Santa	12
2.3	O Santo em questão: quem foi São Sebastião?.....	13
2.4	Prisão e Martírio de São Sebastião	14
3	A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM PORTO NACIONAL - TO.....	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21

RESUMO

A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos os seres humanos, onde todos se movimentam no território, cujas territorialidades se definem pelas diferenças culturais e onde o poder se manifesta. A geografia da religião estuda a territorialidade das manifestações religiosas e os aspectos geográficos locais. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a festa de São Sebastião, no Setor Guaxupé em Porto Nacional-TO, na perspectiva da geografia das religiões a partir de uma revisão bibliográfica sobre a temática geral e específica, de uma organização de imagens e fotografias e entrevistas com participantes dos festejos. Esta festa é vivenciada por meio de experiências que se exprimem com a ocorrência do rito religioso, permitindo aos devotos atos de fé e devoção durante as cerimônias festivas e se configura como um acontecimento, legitimando a ordem sociorreligiosa que os católicos têm, em sua própria realidade territorial.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Geografia da Religião. Festas Populares Católicas. Festa de São Sebastião.

ABSTRACT

Culture is constituted by the everyday world experienced by all human beings, where everyone moves in the territory, whose territorialities are defined by cultural differences and where power manifests itself. The geography of religion studies the territoriality of religious manifestations and the local geographic aspects. The general objective of this research is to analyze the São Sebastião party, in the Guaxupé Sector in Porto Nacional-TO, from the perspective of the geography of religions from a bibliographic review on the general and specific theme, an organization of images and photographs and interviews with participants in the festivities. This festival is lived through experiences that are expressed with the occurrence of the religious rite, allowing devotees to acts of faith and devotion during festive ceremonies and is configured as an event, legitimizing the socio-religious order that Catholics have, in their own reality territorial.

Keywords: Cultural Geography. Geography of Religion. Popular Catholic Festivals. São Sebastião Festival.

1 INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido devido ao fato de ser uma festa muito conhecida localmente, com grande participação popular, contendo um apelo cultural e religioso motivadores para construir um olhar geográfico e cultural sobre os aspectos religiosos e culturais desta festa, no município de Porto Nacional, no estado do Tocantins.

No Brasil, o estudo da religião ainda é novo, por isso tem muito que a ser estudado, visto que a religião faz parte integrante do espaço geográfico e cultural, sendo um tema atual e pertinente para ser explorado pela geografia, uma vez que pouco estudado.

Vemos que atualmente a ciência geográfica tem voltado seu olhar para os fenômenos que ocorrem no espaço geográfico de cunho cultural, com raízes nas expressões religiosas como as romarias, peregrinações, festas e as curas espirituais, tendo como um ciclo de manifestação social, cujo essas expressões religiosas estejam voltadas para a proteção espiritual. Neste sentido a geografia da religião estuda a territorialidade das manifestações religiosas e os aspectos geográficos locais.

Estabelecemos como objetivo geral e desta pesquisa, analisar a festa de São Sebastião, no Setor Guaxupé em Porto Nacional-TO na perspectiva da geografia das religiões e definimos como procedimentos metodológicos: uma revisão bibliográfica sobre a temática geral e específica; uma organização de imagens e fotografias; e entrevistas com participantes do festejo. O objetivo específico é verificar como ocorrer à celebração do festejo de São Sebastião, no setor Guaxupé.

2 CULTURA E GEOGRAFIA CULTURAL

No final do século XIX e início do século XX a Geografia europeia já se ocupava da extensão cultural da sociedade. O foco central do interesse dos geógrafos europeus, naquele período, estava centrado no resultado da ação humana na paisagem natural. “Era essa alteração que produzia cultura, caracterizada por um gênero de vida resultante das relações de um determinado grupo humano e a natureza”. “Nos Estados Unidos a Geografia Cultural ganhou identidade através dos trabalhos de Carl Sauer e seus discípulos”.

A partir do final da década de 1970 e na década de 1980, a Geografia sob a abordagem cultural inicia um processo de renovação, quando sofre diversas influências. Entre essas influências, contam-se, além da “tradição saueriana e do legado vidalino (...) a influência das filosofias do significado, especialmente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

A partir da década de 1980, aborda-se, na Geografia, a dialética das relações que ocorrem no espaço, as relações com o meio ambiente e com o papel das paisagens. Esta Geografia é a Geografia Cultural. Na realidade, não existe uma Geografia Cultural. O que existe é uma visão geográfica de mundo sob o enfoque da cultura. Não é fácil definir cultura, visto ter inúmeros significados em diversos contextos, inseridos em diferentes territórios (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

O conceito de cultura mais aceito pela Geografia é o da Antropologia Cultural, pois esta reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno. Este mundo vivido acontece num território, cujas territorialidades se definem pelas diferenças culturais e onde o poder se manifesta. Os grupos humanos possuem símbolos, língua, costumes, religião, crenças que os distinguem uns dos outros (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

Normalmente, cada grupo com características culturais diferentes dos outros, habita um território contínuo com suas diversas territorialidades onde o poder é exercido, onde seu mundo é vivido, percebido e concebido. Essas diferenças é que constituem a cultura, que se manifestam através de uma linguagem verbal, com suas

músicas, língua, mitos, lendas, crenças, e não verbal, com seus símbolos, ícones e índices (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

A cultura, mais do que isso, é o resultado da capacidade que os seres humanos têm de se comunicar entre si por meio de símbolos (WAGNER; MIKESELL, 2003). Estes símbolos são representações de suas crenças, superstições, usos, costumes, língua, religião, que faz com que as pessoas de determinado grupo entabulem conversas, criem modos de vida, construam suas casas, seus jardins, suas estradas, suas lavouras, suas cidades, suas indústrias, seu cotidiano.

2.1 A Geografia Cultural e as Festas Religiosas

As festas religiosas são relevantes aos estudos da geografia cultural, por serem produzidas e produtoras de uma rede de significados que manifesta os sentidos da própria cultura, pois segundo afirma Almeida (2009, p.259).

“desde o início da década de 1990, os estudos com abordagem na geografia cultural têm sido fecundos com as representações de “outros” lugares e paisagens. Sem dúvida, são ricos e desafiadores os cenários futuros para aqueles que estão investigando os mundos culturais”.

Esses mundos culturais são construções simbólicas. E quem atribui diretamente os sentidos e os significados são as pessoas que deles participam como fiel, devoto, visitante, organizador entre outros. Na visão da geografia cultural a festa promove a reconstrução de ‘outros’ espaços e tempos, os festivos, que são carregados de significados e de sentidos contrários aos tempos do cotidiano.

Para Almeida (2009, p.44), a compreensão desse campo interpretativo da geografia cultural na atualidade permite “discutir de forma mais ampla as maneiras como os artefatos materiais são apropriados e como os seus significados transformados”. Essa percepção confirma a importância da análise da ordem simbólica das manifestações, uma vez que essas dão sentidos ao lugar por meio de um sistema de linguagem estabelecido pelos signos produzidos e estes se traduzem em símbolos territoriais de pertencimentos.

A dimensão constituída pelo sentimento de pertencimento constrói uma liga que se dá territorialmente, criando uma identidade territorial e se torna, para a geografia, um campo específico de análise, o qual é produzido pela festa, pelo habitante e o lugar, por meio dos símbolos territoriais (DI MEÓ, 2001).

As festas religiosas como produtoras de símbolos territoriais se apresentam com uma ordenação rígida controlada pelo grupo religioso que a propõe e marca, simbolicamente, a presença muito viva de uma hierarquia em nome do sagrado.

Para o caso brasileiro, em determinados contextos históricos, as festas religiosas católicas possibilitaram marcas identitárias que se institucionalizaram a partir do governo português e da Igreja no período Colonial. Temos como exemplo o culto aos santos padroeiros como uma das principais marcas de vínculos territoriais que, em sua estrutura e diretriz conseguiram garantir um calendário anual de festividades de santos interligando praticas auríferas pastoris e agrárias (D'ABADIA, 2010).

A mesma autora explica que essa condição foi expressa na fundação das vilas e arraiais que nasceram protegidos pelos inúmeros santos católicos. Muitas cidades tiveram suas denominações ligadas ao padroeiro, algumas modificando de nome, outras perpetuadas até hoje com essas designações.

Pela especificidade e pelo isolamento de outras influências culturais em função da distância, as festas religiosas católicas em Goiás e, especialmente, no norte goiano, confirmam o quanto a formação cultural do povo foi relevante para o surgimento e manutenção destas festividades (D'ABADIA, 2010), a exemplo da Festa de São Sebastião, objeto deste estudo.

Nas festas religiosas católicas dos municípios brasileiros observa-se a explicitação efetiva da fé e da devoção, criando um clima propício para uma “nova” configuração ao lugar que sai de sua rotina para viver um tempo festivo, e se torna um “produto da realidade social [...] seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo em que atua sobre eles” (GUARINELLO, 2001, *apud* BEZERRA, 2007).

2.2 O Sagrado Simbólico: Um Campo Investigativo em Terra Santa

Atualmente o mundo representado pelas subjetividades ganhou corpo teórico na geografia a partir de enfoques que tratam dos espaços de vivência, de experiência e de representação, sobretudo, as simbólicas (GUARINELLO, 2001, *apud* BEZERRA, 2007).

Em termos de concepções teóricas, o sagrado é entendido como forma e conteúdo de uma determinada cosmovisão e de seus eventos nos diversos planos subjetivos e objetivos, localizando-se entre a racionalidade dos materiais simbólicos e a irracionalidade do sentimento religioso.

A partir disso propomos que é possível entender as festas católicas populares, no nosso caso, a Festa de São Sebastião a partir da dualidade da dimensão religiosa: de um lado, a vivência dos entes religiosos vai construir um espaço sagrado, carregado de sentimento religioso e devoções e, de outro, entendido como entorno, mas em oposição, o espaço profano, das barracas, das bebidas, das danças, dos corpos.

As festas religiosas católicas propiciam a ocorrência dessa dupla espacialidade que se funde e se mistura em determinados contextos espaciais e temporais. As festas dos santos padroeiros se constituem numa intrincada representação simbólica de tempos e espaços sagrados e profanos. O espaço da festa se traduz na convergência e na coexistência de múltiplos significados produzidos pelo ser religioso.

Para Eliade (1999), toda festa religiosa constitui a ritualização de um acontecimento sagrado que se originou em um passado mítico. A vivência da festa religiosa permite ao ser uma breve saída do tempo e do espaço profano e a sua admissão nas dimensões que assinalam os sentidos míticos sagrados.

2.3 O Santo em questão: quem foi São Sebastião?

Sebastião de Narbona é um santo e mártir cristão considerado o padroeiro contra as pestes, epidemias, fome e guerra. Foi e continua sendo amplamente retratado na história da arte com sua figura clássica, amarrado e seminu a um tronco e atravessado por flechas. Estas informações sobre o Santo são de conhecimento público (católicos) e também estão disponíveis em sítios da internet, como o Cruz Terra Santa, da Igreja Católica (Terra Santa, 2021).

Figura 1 - A imagem clássica de São Sebastião.



Fonte: Terra Santa, 2021

São Sebastião foi um mártir dos primeiros séculos da igreja cristã, por professar e não renegar sua fé em Cristo. Nasceu em Narbona, na França, no ano de 256 da Era Cristã e, ainda jovem, mudou-se com a família para Milão, na Itália, cidade de sua mãe. Alistou-se no exército de Roma e tornou-se o soldado predileto do imperador Diocleciano. Conquistou o posto de comandante da Guarda Pretoriana.

Secretamente, Sebastião converteu-se ao cristianismo e valendo-se do alto posto militar, fazia visitas frequentes aos cristãos presos que aguardavam para serem levados para o Coliseu, onde seriam devorados pelos leões, ou mortos em lutas com os gladiadores. Com palavras de ânimo, e consolo, fazia os prisioneiros acreditarem que seriam salvos da vida após a morte, segundo os princípios do cristianismo.

2.4 Prisão e Martírio de São Sebastião

A fama de benfeitor dos cristãos se espalhou e Sebastião foi denunciado ao imperador. Este, que perseguia os cristãos do seu exército, tentou fazer com que Sebastião renunciasse ao cristianismo, mas Sebastião não negou a sua fé e foi condenado à morte. Seu corpo foi amarrado a uma árvore e alvejado por flechas atiradas por seus antigos companheiros, que o deixaram aparentemente morto. Resgatado por

algumas mulheres lideradas pela cristã chamada Irene, foi levado sob seus cuidados e conseguiu se restabelecer (Terra Santa, 2021).

Depois de recuperado, São Sebastião apresentou-se ao imperador insistindo para que acabasse com as perseguições e mortes aos cristãos. Ignorando os pedidos, desta vez, Diocleciano ordenou que o açoitassem até a morte, e depois seu corpo fosse jogado no esgoto público de Roma, para que não fosse venerado como mártir pelos cristãos. Era o ano 287 da Era Cristã. A imagem de São Sebastião, tão conhecida de todos nós, revela um momento importante do martírio deste santo.

Alguns elementos da representação tornaram símbolos para os católicos:

- **As flechas de São Sebastião**

As flechas de São Sebastião revelam-nos a primeira fase das torturas que o santo enfrentou. Tendo como algozes seus companheiros de exército, suportou várias flechadas em seu corpo sem renegar a fé. Quando todos pensaram que ele estivesse morto, deixaram-no amarrado para ser devorado pelos animais e aves de rapina (Terra Santa, 2021).

- **A árvore de São Sebastião**

São Sebastião é representado amarrado numa árvore em especial: o carvalho. No cristianismo primitivo, o carvalho era o símbolo da perseverança, da tenacidade e da persistência, por causa da dureza desta madeira nobre. Assim, este símbolo nos fala da firmeza, da tenacidade e da perseverança de São Sebastião. O carvalho simboliza toda essa força de São Sebastião (Terra Santa, 2021).

- **O corpo seminu de São Sebastião**

O corpo seminu de São Sebastião simboliza a humilhação que ele sofreu por parte do império romano. Simboliza também o ‘despir-se do homem velho, fraco e pecador, para vestir-se de Cristo, forte e vencedor’ (Terra Santa, 2021).

- **A aura de São Sebastião**

A aura de São Sebastião representa sua santidade, testemunhada por vários cristãos da época. Esta santidade aparece desde o seu amor dedicado aos cristãos presos e necessitados, até a sua disposição de morrer por Jesus Cristo sem renegar sua fé.

Aos poucos São Sebastião foi sendo retratado como o jovem que conhecemos hoje, principalmente com o declínio da Idade Média e o advento do Renascimento, onde a nudez passou a ser mais difundida nas pinturas. O gravurista Mestre das Cartas (Figura 2) chegou a criar em meados de 1430, quando havia poucas figuras masculinas seminuas além da retratação de Cristo, uma gravura trazendo São Sebastião mais próximo do que viria a ser imortalizado (Terra Santa, 2021).

Figura 2 - São Sebastião por Mestre das Cartas (c. de 1430).



Fonte: Os Imaginários, 2021.

3 A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM PORTO NACIONAL - TO

A cidade de Porto Nacional- TO está localizada na região central do estado do Tocantins, distante a 60 km de Palmas, capital do estado. Em Porto Nacional, encontramos uma diversidade de manifestações culturais de cunho religioso. O seu calendário festivo é marcado pela religiosidade popular católica. Isto, em parte, se explica pelo fato de ser uma localidade que no início de sua história, teve marcante presença da igreja, na dos padres e feiras dominicanos.

Para a parcela da população que professa a fé católica, a religiosidade é um forte dado comum que contribui para a coesão e a harmonia da sua vida. Para que isso aconteça e movidos pelo desejo de manter a identidade em meio à pressão desagregadora dos novos costumes e valores, busca em grupos manter seus rituais e festas com bastante proximidade dos praticados em tempos anteriores pelos seus antepassados. “Ali, a crença no sobrenatural constitui elemento familiar que perpassa o cotidiano”. “O que é matéria do espírito nunca está separado da atividade humana, quer no trabalho ou na festa, na doença ou na cura” (FERRETI, 2007).

As distintas manifestações culturais de Porto Nacional encontram-se expressas em suas inúmeras festividades, na sua culinária e no artesanato local. “A folia de São Sebastião, por exemplo, é realizada há mais de 40 anos pela Dona Elvira Dias Barbosa e constitui um elemento importante da tradição local.”. “Esta festa além de representar a “crença” e a “devoção” de famílias da região, também exerce um papel fundamental na preservação da identidade, da história e da memória dos distintos grupos formadores da sociedade brasileira” (NUTA, 2008).

Dona Elvira Batista de Araújo, moradora de Porto Nacional, com setenta e seis anos de idade e que há quarenta e quatro anos realiza o Festejo a São Sebastião: “Num faio não”, como ela mesma diz, relata em sua entrevista como é manter essa tradição (NUTA, 2008).

“tava grávida do filho que hoje tem 44 anos quando rezei o primeiro dia”. Desde criança que tinha aquilo na ideia. Rezo só por tradição, tanto é que não escolhi o Divino, Santos Reis, não, é só São Sebastião, toda vida incutida cum aquilo. Num é promessa, não é só purquerê. Ai eu vim caminhano vim vino. Eu tava cum barrigão, dei vinte reais por uma imagem que eu tenho dele antiga. Vai, vai. Um ano que eu não fiz foi quando eu perdi mãe, irmão, neto... De primeiro era eu e meu marido, depois que nós separo agora eu faço essa hora qui é pra pudê dá tempo de assisti lá e aqui também. Eu vou lá também, eu rezo, qui eu rezo in carquêlugá. “Agora que o fio ta tudo criado eu sinto é alegria de vê eles tudo ai rudiado”.

Dona Elvira mantém em sua casa um quarto que é dedicado ao culto aos santos de São Sebastião. A crença no Espírito Santo é reconhecida como uma das principais manifestações de religiosidade popular da região Centro-Oeste, contrariamente ao que acontece no Nordeste do país, onde outros santos, como os juninos, ocupam lugar de destaque. A devoção religiosa de D. Elvira, assim como de muitos outros portuenses, as manifestações religiosas, como os festejos da Santa Padroeira Nossa Senhoras das Mercês e do Divino Espírito Santo, mantêm viva uma herança cultural que os antepassados legaram.

D. Elvira cuidava pessoalmente de todos os preparativos da festa que era realizada em sua casa, incluído vestimentas, e adornos dos personagens centrais tais como coroas e faixas. Assim o papel dos personagens no desenrolar da cerimônia religiosa é o da representação de sua função. O Imperador tendo ao lado a Rainha, capitão do Mastro, e alguma outra personagem optativa do cortejo, como é o caso da princesa, toma o lugar no cortejo percorre várias ruas da cidade.

Embora o momento central aconteça num único dia, no dia vinte de janeiro, o festejo começa bem antes, não apenas no espírito dos participantes, como também nos preparativos. O momento reveste de dupla importância: para saudar, agradecer, pedir proteção, e revigorar a crença no santo, mas é o momento também é de rever parentes, encontrar amigos e juntos renovar suas esperanças, buscar proteção pessoal e coletiva, beber, comemorar. Tudo transcorre num clima espontâneo, humano, onde o sagrado se uniu ao profano. Os eventos da parte considerada profana começam, geralmente, depois de concluída todas as obrigações com o santo.

Ao finalizar a cerimônia religiosa tem início a chamada “parte profana” da festa. É quando a comida e as bebidas são servidas, seguido das danças, em ambiente previamente preparado para este acontecimento. “Dona Elvira informou que todo ano ela costuma servir licor de jenipapo para os participantes, mas no ano de 2008 (época em que foi entrevistada por pesquisadores do NUTA), devido aos altos custos, ela não pode fazer”. A comida oferecida é arroz, feijão tropeiro, carne de porco, picado de carne de gado com inhame, linguiça de frango, peixe ao molho, maionese, frango assado, abóbora cozida, salada de repolho, distribuída gratuitamente aos participantes. A bebida (cerveja) era vendida, como forma de angariar fundos para a festa do próximo ano.

Segundo o Padre Alexsandro Guimarães, na festa do ano de dois mil e vinte, não foi celebrado o novenário de São Sebastião, mas foi celebrado o cinquentinha, ou seja, cinco dias de novenas, sendo que quatro dias foram de preparação para o padroeiro.

Durante esses quatro dias foram feitas reflexões sobre as quatro propriedades da igreja: a igreja que é Una, Santa, Católica e Apostólica, e no quinto dia, o dia do Santo, vinte de janeiro, foi celebrada a missa solene de São Sebastião (Figura 3), juntamente com os festeiros, e os representantes da Nobreza, o rei a rainha, o capitão do mastro e a rainha do mastro, e os reis mirins, pedindo a São Sebastião bênçãos e proteção (Figura 4). Nessa missa, a imagem do santo é carregada por policiais militares que têm no mesmo, a sua proteção. (Figura 5) Durante os cinco dias da festa aconteceram quermesses, leilões e venda de comidas em barracas em prol da construção da Capela de São Sebastião, localizada no setor Guaxupé.

Figura 3 - A Missa de São Sebastião.



Fonte: Alexsandro, 2020.

A imagem representa a realização da missa com o Padre Alexsandro juntamente com o Padre Edmilson, a realização da missa solene de São Sebastião, realizada no dia vinte de janeiro de dois mil e vinte, no setor Guaxupé.

Figura 4 - O padre com rei e rainha, capitão e capitã do mastro.



Fonte: Alexsandro, 2020.

A imagem a cima retrata o Rei e a Rainha do festejo do ano de dois mil e vinte, juntamente com o mastro e a capitã do mastro e a princesa, em companhia do Padre Alexsandro e alguns organizadores da celebração.

Figura 5 - A entrada da imagem do santo carregada pelos policiais militares.



Fonte: Alexsandro, 2020.

A imagem retrata militar segurando a escultura de São Sebastião, lembrando que em na época Sebastião tinha o costume de visita os prisioneiros na prisão para levar palavra de salvação, por esse o motivo dos militares estarem segurando a imagem dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas festas de santos católicos, como estas que analisamos a materialidade e a espiritualidade estão presentes tanto no espaço sagrado quanto no profano, embora com pouca representação.

Os eventos festas dos santos padroeiros não apenas representam momentos de lazer das comunidades locais, como bairros e setores urbanos, mas também a estratégia que os paroquianos têm de ressaltar sua devoção aos santos da Igreja católica.

A festa religiosa de São Sebastião, no Setor Guaxupé, no município de Porto Nacional, é vivenciada individual e coletivamente, por meio de experiências que se exprimem com a ocorrência do rito religioso, permitindo aos devotos atos de fé e devoção durante as cerimônias festivas.

A festa se configura como um acontecimento, integrada à sua dinâmica, expressando sociabilidade, interesses e articulações que, se dão em função dela. Ela legitima a ordem sociorreligiosa que os católicos têm, em sua própria realidade territorial (a paróquia).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SAHR, C.L; SILVA, M (orgs.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico.** Curitiba. ADEMADAN, 2009.

BEZERRA, A. C. A. Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. In: GONÇALVES, C. U.; NASCIMENTO, F. R.; ARRAIS, T. A. (org.) **Itinerários geográficos.** Niterói. EDUFF, 2007. p.171-189.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.. Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.**Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

D'ABADIA, M. I. V. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO.** 260 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais, UFG, Goiânia, 2010.

DI MÉO, G. **La Géographie em Fêtes.** Paris, Ophrys, 2001.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

FERRETI, S. F. Religião e festas populares. Comunicação apresentada na Mesa Redonda 06 Religiões / Culturas Populares. **XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina.** Buenos Aires, de 25 a 28 de setembro de 2007. Versão Preliminar.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO TOCANTINS. NÚCLEO TOCANTINENSE DE ARQUEOLOGIA. **Projeto de resgate do patrimônio histórico, cultural, paisagístico e arqueológico do Polo de Fruticultura Irrigada São João.** Porto Nacional, 2008..

WAGNER, P.L.; MIKESELL, M.W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.